
A FORMAÇÃO DE PROFESSORAS PRIMÁRIAS NA ESCOLA COMPLEMENTAR: UMA LEITURA A PARTIR DE PIERRE BOURDIEU E DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

Rosimar Serena Siqueira Esquinsani¹
Flávia Obino Correa Werle²
Salette Campos de Moraes³
Adalberto da Rocha Heck⁴
Luciana Storck de Melo Auzani⁵

RESUMO:

A partir de uma base teórica assentada em Pierre Bourdieu, a presente investigação tem como objetivo construir elementos para a compreensão da ética da conformidade (BOURDIEU, 1979) à ordem social e aos símbolos e ritmos do grupo como força formação, ainda presentes nas memórias de mulheres, professoras primárias formadas pela escola Complementar. A base empírica, constituída de depoimentos orais de senhoras, ex-complementaristas do Colégio São José, de São Leopoldo, serve como campo de análise para o entendimento de como estas mulheres formadas, carregaram consigo a marca da sujeição a ordem social e o sentimento de pertencimento ao grupo, regulador de idéias, vontades e sentimentos. O agir de acordo com a ordem social, "...que se confunde com a ordem do mundo" (1979, p. 48), passou para o imaginário destas mulheres como sinônimo de realização pessoal e sobretudo profissional, ditando a forma como as mesmas encarariam, por todo o seu percurso, a si mesmas e a função de professoras.

Palavras-Chave: Formação de Professores, História da Educação, Escola Complementar

ABSTRACT:

From a seated theoretical base in Pierre Bourdieu, the present inquiry has as objective to construct to elements for the understanding of the ethics of conformity (BOURDIEU, 1979) to the social order and the symbols and rhythms of the group as force formation, still gifts in the memories of women, primary teachers formed by the Complementary school. The empirical base, constituted of verbal depositions of ladies, former-complementaristas of the College São Jose, of São Leopoldo City, serves as field of analysis for the agreement of as these women formed, had loaded obtain the mark of the subjection the social order and the feeling of belonging to the group, regulator of ideas, wills and feelings. Acting in accordance with the social order, "... that it is confused with the order of the world" (1979, p. 48), it passed to the imaginary one of these women as synonymous of personal and over all professional accomplishment, dictating the form as the same ones would face, for all its passage, itself same and the function of teachers.

Keywords: Teacher preparation, Complementary School, History of the Education.

A presente investigação⁶ tem como objetivo construir elementos para a compreensão da ética da conformidade (BOURDIEU, 1979, p.48) à ordem social e aos símbolos e ritmos do grupo como força de formação, ainda presentes nas memórias de mulheres, pro-

fessoras primárias formadas pela escola Complementar.

A base empírica que fornece argumentos para as aproximações teóricas aqui encetadas, é constituída de depoimentos orais de senhoras, ex-complementaristas do Colégio São José,

• Recebido: maio de 2004

• Aceito: junho de 2004

¹ Mestre em Educação, doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos / UNISINOS, professora da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul / UERGS e da Universidade de Caxias do Sul / UCS.

² Doutora em Educação, professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos / UNISINOS e coordenadora do projeto Escola Complementar: Práticas e Instituições.

³ Mestre em Educação, doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos / UNISINOS, professora da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul / PUCRS.

⁴ Especialista em Planejamento Urbano e Regional pela UFRGS e Pós-graduado em Planejamento Urbano pela Universidade de Dortmund, Instituto de Planejamento Urbano / Alemanha, mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos / UNISINOS e professor da Universidade do Vale do Rio dos Sinos / UNISINOS.

⁵ Mestre em Educação, professora do Colégio São José, de São Leopoldo.

⁶ Este texto foi desenvolvido como Prática de Pesquisa, dentro do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos / UNISINOS, sendo parte de um projeto maior, chamado Escola Complementar: Práticas e Instituições, apoiado pela Fapergs e coordenado pela Profa. Dra. Flávia Obino Corrêa Werle, com a participação das bolsistas de iniciação científica Elaine Engelmann (pibic) e Tatiane Kovlaski Martins (Fapergs). O citado projeto estuda as escolas complementares que se desenvolveram no Rio Grande do Sul, entre 1906 e 1946. Nos anos quarenta do século XX, havia no estado, 25 escolas de formação de professores sendo sete oficiais, quinze particulares e três rurais. Para a investigação, foram escolhidas três instituições privadas vinculadas, ainda hoje, à formação de professores: os Colégios Sevigné e Colégio Nossa Senhora do Bom Conselho, de Porto Alegre, e o Colégio São José, de São Leopoldo.

de São Leopoldo, e serve como campo de análise para o entendimento de como estas mulheres, formadas e formadoras, carregaram consigo a marca da sujeição a ordem social e o sentimento de pertencimento ao grupo, normatizador de idéias, vontades e sentimentos. O agir de acordo com a ordem social, “[...] que se confunde com a ordem do mundo” (BOURDIEU, 1979, p. 48), passou para o imaginário destas mulheres como sinônimo de realização pessoal e sobretudo profissional, ditando a forma como as mesmas encarariam, por todo o seu percurso, a si mesmas e a função da docência.

Desta forma, o texto discute acerca de eventos de formação, ou episódios memorizados a partir do processo de formação das referidas senhoras como professoras primárias, característicos da já mencionada ética da conformidade.

O acesso a tais eventos se dá pelo trabalho com a memória das mesmas, a partir da pesquisa com fontes orais, considerando que “a memória é, por excelência, o trabalho que organiza, busca, junta, rejunta, cola, desmonta, dando uma configuração às imagens que desenham novas subjetividades” (OLIVEIRA, 2000, p. 16).

Da mesma maneira que acessar o modo como “[...] cada pessoa se forma, como a sua subjetividade é produzida, permite-nos conhecer a singularidade da sua história, o modo singular como age, reage e interage com os seus contextos” (OLIVEIRA, 2000, p.17).

Assim, “[...] pensar a formação profissional passa [...] necessariamente, por considerar a condição humana em sua processualidade, isto é, como sujeitos subjetivados no interior de práticas coletivas, institucionais e sociais” (PEREIRA, 2000, p.93).

Isto significa que trabalhar com professoras e sua formação é, em qualquer tempo, trabalhar com um contexto muito anterior a prática em si, ao dia a dia, à vida funcional. É levar em conta o período de formação, de “formar para ação”, e o período ainda anterior a este, a história de vida de cada um dos sujeitos, o que os trouxe, em última instância, a preparação para e ao exercício do magistério.

Segundo as palavras de Catani,

[...] as concepções sobre as práticas docentes não se formam a partir do momento em que os alunos e professores entram em contato com as teorias pedagógicas, mas encontram-se enraizadas em contextos e histórias individuais que antecedem, até mesmo, a entrada deles na escola, estendendo-se a partir daí por todo o percurso de vida escolar e profissional (1997, p.34).

Neste sentido, a formação destas senhoras dentro do Curso Complementar é determinante para jogar uma luz sobre a prática docente das mesmas “pela vida afora”, considerando os condicionantes da instituição, dos símbolos, dos ritos e da grupalidade.

Em sua obra *O Desencantamento do Mundo*, Bourdieu vincula como imperativo fundamental da chamada ética da conformidade, o respeito aos ritmos temporais (1979, p.48), assim, “conformar-se com a ordem social é primordialmente respeitar os ritmos, acompanhar a medida, não andar fora do tempo. Pertencer ao grupo, significa ter o mesmo momento do dia e do ano, o mesmo comportamento de todos os outros membros do grupo” (1979, p. 47-48).

O não andar fora do tempo como sinônimo de pertencer a um dado grupo acaba por codificar, naturalizando sentimentos como a amizade, pela lógica do convívio. Assim, um grupo de ex-complementaristas do Colégio São José de São Leopoldo, para explicarem porque teriam tornado-se “tão amigas”, - inclusive anos mais tarde tendo a iniciativa de fundação da associação das ex-alunas da instituição -, contam o seguinte:

(Entrevista 03, sujeito G): Então nós morávamos nove meses juntas. Porque depois nós tínhamos três meses de férias. Então isso que nasce essa amizade grande.

(Entrevista 03, sujeito T): Dormitório, Capela, Refeitório, recreio, aula, estudo, tudo junto.

(Entrevista 03, sujeito G): Tudo junto.

(Entrevista 03, sujeito T): Tudo, aquelas filas enormes, aquela escadaria que não tinha fim. Vamos pra rouparia? Todo mundo junto. Vamos pro recreio? Todo mundo junto. Então a gente estava naquela sempre. E a gente tinha naturalmente os grupos, não é, pra hora do recreio, pra gente conversar, pra gente caminhar. Então isso nos acostumou mesmo, sabe, foi um convívio assim que nos deixou muito ligadas, muito unidas. E eu tenho assim do São José a mais grata lembrança.

Desta forma, “a ordem social é antes de mais nada, um ritmo, um tempo” (1979, p. 47). A infração desta ordem é vista a partir do parâmetro do agir contra os ritmos do grupo, contra o tempo, e dentro desta premissa, “agir contra o tempo não é somente infringir um imperativo que interdiz de singularizar-se, é transgredir o imperativo que impõe que a gente se conforme a uma ordem social que se confunde com a ordem do mundo” (1979, p. 48).

E o agir de acordo com a ordem social passou para o imaginário destas senhoras como sinônimo de realização pessoal e coletiva. O sentimento de pertencer, de estar incluída em um grupo naturalmente “vencedor”. Outra senhora, ex-complementarista do São José, revela que

[...] sabe, tem turmas que marcam, e o Colégio São José de São Leopoldo, foi tudo na minha vida, por isso eu não [...], todos os outros cursos que eu fiz de extensão universitária, curso de psicologia que eu fiz uns dezoito aqui em Montenegro, vão ser de caráter universitário de terceiro grau nada disso conta, pra mim só conta o Curso Complementar, que eu fiz, me formei e dele é que eu vivi a vida inteira (Entrevista 06).

O fato de “só” contar para a entrevistada o Curso Complementar em destaque, mas ter estudado no Colégio São José de modo geral está, está diretamente ligado a forma como esta senhora vê tanto a um quanto ao outro, como sinônimos de uma dada ordem social a qual ela se enxerga como pertencente ou quer pertencer, mesmo depois de tanto tempo passado,

Ele [Colégio São José] me deu o direito de ser, em qualquer escola onde eu estava, um destaque, sempre fui destaque, por causa do curso que eu recebi. O Curso Complementar, era dirigido pela Irmã [...], uma alemã, cor nobre e a diretora da escola era a Irmã [...]. Essas duas personalidades juntas, elas formaram, assim, acho que dezenas, dezenas de professoras, que por todo esse Rio Grande do Sul, é do Colégio São José de São Leopoldo, já se sabia que era uma professora ou uma diretora de alto valor pedagógico, entendeu, e líder. Interessante, que elas passavam uma liderança prá gente. [...] Nós tivemos uma educação, nesses três anos, castelã, porque ela vinha de um castelo, então ela passou pro Colégio São José de São Leopoldo uma educação castelã, nos éramos assim diferentes, porque eu estudei no Santa Catarina dois anos. Eu cheguei a fazer um ano de ginásio lá. E cheguei no São José de São Leopoldo era outra maneira de ser (Entrevista 06).

Cristalizou-se, pois, nas entrevistadas a idéia de que, tendo estudado no São José, elas haviam sido “preparadas mesmo” (Entrevista 08) para o exercício do magistério em qualquer instância, para ocupar qualquer cargo, diante de qualquer situação.

Isto levou a um certo estilo de vida, no qual moldaram-se professoras apegadas a uma determinada ordem de mundo e ao status do qual dispunham em seus momentos de formação, pode ser percebido neste outro depoimento, que relata o evento causado pelo “São José na rua”, pois “... naquele tempo tinha muita fama as gurias do São José, meu Deus, quando saía o colégio assim para passear, há, saíam assim em fileira para dar uma volta em São Leopoldo. Enchia todo mundo para ver o São José passar” (Entrevista 02).

Sobre este assunto, Bourdieu chama atenção para

a correspondência que pode ser observada entre o espaço das posições sociais e o espaço dos estilos de vida é resultado do fato de que condições semelhantes produzem habitus substituíveis que engendram, por sua vez, segundo sua lógica específica, práticas infinitamente diversas e imprevisíveis em seu detalhe singular, mas sempre encerradas nos limites inerentes às condições objetivas das quais elas são o produto e às quais elas estão objetivamente adaptadas (BOURDIEU, apud ORTIZ 1983, p. 83).

O que leva, ainda dentro da teoria do sociólogo francês, a formação do capital social, outro conceito que pode ser aglutinado a um estudo sobre ritmos de grupos como referenciais da ética da conformidade.

Bourdieu chama de capital social ao

conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de inter-reconhecimento ou, em outros termos, à vinculação a um grupo, como conjunto de agentes que não somente são dotados de propriedades comuns (passíveis de serem percebidas pelo observador, pelos outros ou por eles mesmos), mas também são unidos por ligações permanentes e úteis (1998 p. 67).

Entretanto, desafiar, transgredir também era uma forma de estar no espaço, não questionando a sua estrutura, mas as arestas deixadas

pelos eventos entre a formação da família e a coletividade do lugar de formação oficializado, ou no espaço social.

Uma entrevistada lembra ter sido reprovada em solfejo, porque brigou com a freira após ter feito uma reclamação:

nós tínhamos aula de música em conjunto e aí estava muito abafado, muito quente, as normalistas, as internas desciam, dos dormitórios de manhã e elas não tinham autorização para subir mais e as vezes elas tinham até um certo cheirinho bem desagradável naqueles dias, então, ah, eu comecei a resmungar de [...] está todo mundo fedendo!!!” (Entrevista 01).

Tanto a conformidade quanto a transgressão, que pautam-se no tempo como motor e ditador de ritmos, acontecem em um espaço, ao qual Bourdieu nomeou de espaço social. O conceito de espaço social em Bourdieu, é quase um oxímoro, da mesma forma que corrobora, nega a homogeneidade do grupo, a partir do princípio que a noção de espaço permite pensar a realidade enquanto conjunto de relações:

Os seres aparentes, diretamente visíveis, quer se trate de indivíduos quer de grupos, existem e subsistem na e pela diferença, isto é, enquanto ocupam posições relativas em que um espaço de relações que, ainda que invisível e sempre difícil de expressar empiricamente, é a realidade mais real (ens realissimum como dizia a escolástica) e o princípio real dos comportamentos dos indivíduos e dos grupos (1996, p. 48).

Nisto entra o conceito de habitus, ou o “sistema de disposições duráveis e transponíveis que exprime, sob a forma de preferências sistemáticas, as necessidades objetivas das quais ele é o produto” (ORTIZ, 1983, p. 82).

A partir desta perspectiva, as ações pautadas, “orquestradas” das senhoras ex-complementaristas em seu tempo de formação inicial, no Colégio São José, diz muito da “prática” do conceito de habitus Bourdiano. Essas ações estavam alocadas dentro de padrões pré-estabelecidos e, portanto, aceitas pelo grupo social. Não são, assim, geradoras de conflitos entre ele e os outros membros do grupo. Desta forma, esse repertório não apenas assegura a adequação entre as ações do indivíduo e a realidade objetiva, mas, principalmente assegura,

que essa adequação se realize com um mínimo de esforço e de conflitos. A este respeito Bourdieu (1994) é esclarecedor ao afirmar que

As práticas que o habitus produz (enquanto princípio gerador de estratégias que permitem fazer face a situações imprevisíveis e sem cessar renovadas) são determinadas pela antecipação implícita de suas conseqüências, isto é, pelas condições passadas da produção de seu princípio de produção de modo que elas tendem a reproduzir as estruturas objetivas das quais elas são, em última análise, o produto (p. 61).

Tanto uma relação quanto a outra (hábitus ou ética da conformidade), Bourdieu exemplifica da seguinte maneira: “O melhor exemplo de disposição é, sem dúvida, o sentido do jogo: o jogador, tendo interiorizado profundamente as regularidades de um jogo, faz o que faz no momento em que é preciso fazê-lo, sem ter a necessidade de colocar explicitamente como finalidade o que deve fazer” (1996).

Neste sentido, entre jocosa e trágica, está a fala de uma ex-complementarista lembrando que uma de suas ex-colegas não agüenta ouvir o barulho de sino, pois era sino para tudo, para estudar, para fazer as refeições, assear-se... “Tinha fila de uma sala para a outra e ninguém podia falar. Tinha um sino que tocava para cada aula. Até hoje, tem uma colega minha que não pode ouvir o sino. Ela tem vontade de pegar o sino e jogar longe. Era sino para aula, sino para missa, etc.” (Entrevista 08).

O sino, na verdade, exerce o papel de instrumento condicionador do tempo e dos ritmos do grupo, marcando sonoramente a ritualidade da formação, elemento físico que auxiliava na manutenção da disciplina e das subordinações aos tempos coletivos da grupalidade e, é claro, calando fundo nas alunas.

E se o conceito de conformidade leva ao entendimento de tempos e grupos dentro de uma certa ordem de mundo, nada mais competente em sua tarefa de instaurar uma dada visão ordenada de mundo do que a Escola Complementar, segundo os relatos colhidos, tanto que sessenta anos depois senhoras continuam identificando-se pessoal e profissionalmente como ex-complementaristas do Colégio São José, de São Leopoldo.

BOURDIEU, Pierre. O desencantamento do mundo. São Paulo: Perspectiva, 1979.

_____. Sobre o poder simbólico. In: O poder simbólico. Lisboa: DIFEL, 1989. p. 7-15.

_____. Esboço de uma teoria da prática. In: Renato Ortiz (Org.). Pierre Bourdieu. São Paulo: Ática, 1994, p.46-81.

_____. Razões práticas - Sobre a teoria da ação. Campinas: Papyrus, 1996.

_____. Escritos de educação. Petrópolis: Vozes, 1998.

CATANI, Denice Bárbara et. al. História, memória e autobiografia na pesquisa educacional e na formação. In: _____ (org.). Docência, memória e gênero: estudos sobre a formação. São Paulo: Escrituras, 1997.

ORTIZ, Renato. Pierre Bourdieu. São Paulo: Ática, 1983

OLIVEIRA, Valeska Fortes de. A formação de professores revisita os repertórios guardados na memória. In: OLIVEIRA, Valeska Fortes de. (org.). Imagens de professor – significações do trabalho docente. Ijuí: Unijui, 2000.

PEREIRA, Marcos Villela. Subjetividade e Memória: Algumas considerações sobre formação e autoformação. In: OLIVEIRA, Valeska Fortes de. (org.). Imagens de professor – significações do trabalho docente. Ijuí: Unijui, 2000.